**Introdução**

(...) a história é uma interrogação sempre em mudança sobre o passado, porquanto tem de se adaptar às necessidades do presente. A história oferece-se como um meio de conhecimento do homem e não como um fim em si.

F. Braudel, *La Méditerranée et le monde Méditerranéen l'époque de Philippe II,* Paris, 1949.

A edição do livro decorre de um convite feito por Marcelo Teixeira, editor da Parsifal, depois da apresentação do livro de Joaquim Magalhães de Castro, *Os Filhos Esquecidos do Império*, publicado em 2014. Num primeiro momento confesso que fiquei surpresa, hesitei, pensei, ponderei para mais tarde aceitar o desafio. Redigir uma História sobre a Companhia de Jesus em Portugal significa percorrer uma quantidade substancial de fontes e de inúmeros estudos efetuados sobre a Ordem. Tratava-se, em primeiro lugar, de abarcar um universo de conhecimento. Conseguir fazer a História da Companhia de Jesus é um trabalho demorado e de entrega exclusiva ao assunto, pode-se dizer de uma vida. Embora o título seja a *História da Companhia de Jesus em Portugal*, devo, agora, sublinhar que o que se apresenta é uma *Breve História*. Trata-se, portanto, de uma abordagem global sobre o que foi a sua narrativa ao longo de mais de cinco séculos ao serviço do Padroado Português no âmbito da expansão e colonização portuguesa (séculos XV-XX). Nas cerca de 300 páginas recomendadas pelo editor, e com mínimo de notas de referência, seria inexequível apresentar o tema se nele mergulhássemos. O trabalho apresentado segue, então, o olhar do que se pensa.

Cientes de que a leitura crítica de qualquer livro apurará continuamente falhas e imprecisões, este não será, portanto, exceção. Trata-se de uma visão individual que visa fundamentalmente revelar itinerários, contatos estabelecidos por diversos continentes e destacar aspetos que trouxeram singularidade à missão inaciana. Embora pretenda que o livro desperte interesse na Academia, o foco é chamar a atenção do público mais envolvido com as representações que se foram construindo em torno da Ordem, muito condicionadas pelo fabuloso *mito jesuíta* tecido em determinados contextos da História Portuguesa. De lado ficou o fazer uma história eclesiástica e apologética da Ordem; pretendi seguir o caminho de dar a conhecer, a *desmitificar* e a relançar um debate independente das convicções religiosas, sobre o papel que a Companhia teve na formação dos católicos dentro e fora da Europa, como se tornaram um motor da moldagem de sociedades pluriétnicas, projetando a língua e a(s) cultura(s) lusófona(s) além do espaço territorial inicial e cujos legados da cultura material e imaterial permanecem vivos, evoco, por exemplo, os portugueses de Malaca, onde a figura de Francisco Xavier é recordada.

Quis a fortuna e as lides académicas que criasse interesse pela investigação ligada à Época dos Descobrimentos e da colonização portuguesa e, nestas, em particular, pelos aspetos culturais. Assim, a Companhia de Jesus tornou-se um dos alvos privilegiados da minha pesquisa. No encalce do seu itinerário acabei por ver-me a vasculhar entre bibliotecas, arquivos, fontes, viagens através das antigas rotas e locais abrangidos pelos jesuítas. Para além da investigação realizada em espaço nacional fiz pesquisas nos arquivos e bibliotecas de Goa, Cochim, Roma e, mais recentemente, em Macau e no Brasil. A riqueza documental e leituras realizadas, articuladas à vivência que experienciei em áreas onde a Ordem esteve e está, contribuíram para desenvolver ainda mais o gosto pelo tópico. Isto trouxe-me, certamente, questões que de outra forma não colocaria, ou seja, o questionamento pessoal acerca da sua atuação poderia ter sido diferente sem o recurso àquele itinerário. Talvez retivesse, apenas, as suas ligações à *Contra Reforma* sem percecionar o alcance geográfico e civilizacional a que a sua obra granjeou; obviamente não se podem ignorar as conjunturas de inflexibilidade que nasceram como resultado deste “encontro de culturas”.

A viagem a Goa e a Cochim, talvez por ter sido a primeira, colou-me perante uma civilização extra europeia onde se cruzam diversos povos: caso bastante visível em Goa, acabando por observar *in loco* um pouco da realidade descrita pelos primeiros missionários. Assim, surgiu em mim uma mistura de sentimentos em que sedução e rejeição se mesclavam. Foi, por assim dizer, o primeiro batismo em terras onde me percebi ser o “outro”. Aquela experiência trouxe a inquietação. Questionava-me sobre como havia sido o contato estabelecido no contexto do século XVI e que linhas haviam determinado a orientação da edificação do Império Português, bem o como e qual o papel da Igreja na sua construção.

As viagens que se lhe seguiram e o contacto privilegiado que mantenho com investigadores de diferentes nacionalidades, levaram-me a deixar cair a História do herói, do vencedor e do vencido, os destaques dados às elites do Reino, a equacionar a visão unilateral da ideia de centro e de periferia, os ciclos económicos, os fatores económicos e geo-políticos e a procurar nessa visão global e desumanizada pelas singularidades de cada uma das partes do Império Português e de como a Companhia de Jesus viveu num mundo que exigia uma perceção cada vez mais global e supranacional.

Afinal, o Império Português vai para além dos limites territoriais que a Coroa portuguesa entendia como seus e a maioria dos seus construtores pertencia a vários extratos da sociedade e não apenas à elite dos governadores e dos chefes militares, bem como o facto de que nem toda a política se definia a partir da capital do Império. Embora as autoridades régias tenham tido um papel relevante e as razões de natureza económica tenham pesado no processo, a ação mais marcante da época foi a relacionada aos aspetos culturais e religiosos, pelos efeitos que ainda perduram em face da retirada política portuguesa.

Por pensar que a Companhia de Jesus é um dos agentes centrais para percebermos o sistema de colonização e de circulação lusa, por entender que nem sempre se tem feito História a seu respeito e tendo já publicado alguns estudos sobre a Ordem — muitos deles em coautoria com Joseph Levi, Leonor Diaz de Seabra, Lúcio Sousa, Rosário Pimentel e Maria José Cunha —, foi um bom incentivo para escrever o livro que agora se apresenta.

A organização do livro está baseada num trajeto temporal. Porém, depois de uma análise da instalação da Companhia de Jesus em Portugal e o conceito de missão a esta articulada, a partir do II Capitulo até ao VI Capitulo, com subcapítulos, organizei a exposição até à sua extinção em 1759, em Províncias, Vice-Províncias e Missões: províncias inacianas do Padroado Português, do Oriente — como a Província de Goa e do Malabar, as Missões ao Grão-Mogol, Ormuz e a Pérsia Safávida, Malaca e as Ilhas Molucas, o Malabar, os Cristãos de São Tomé, os Paravá, os *Colambucos*, Ceilão, Madurei (destaque para os jesuítas Roberto De Nobili João de Brito), a Conchinchina, a China e o Tibete, entre as demais — ao continente africano (nomeadamente, Cabo Verde, Congo, Angola, Moçambique, Madagáscar e Etiópia), e terminamos com a América portuguesa (Província do Brasil e Vice-Província do Maranhão), abordando-se a questão do aldeamento e da escravatura. Nesta parte destaco ainda a Província do Japão, escrevendo sobre as conversões e a contenda da apostasia, onde tomamos como exemplo os jesuítas Fabião Fukan (japonês) e Cristóvão Ferreira (português), cuja figura, segundo alguns historiadores, serviu de mote ao romance histórico de Shusaku Endo, *Silêncio*, estando agora a ser passado para o cinema, com a direção do realizador Martin Scorsese.

Na sequência da economia de páginas, dando continuidade ao desenvolvimento do conteúdo, encetamos uma nova divisão que se prende com a discussão em torno da expulsão da Ordem em Portugal e no Império Português. Depois, da supressão, seguiu-se o desterro, o regresso e refundação e a sua relação com a 1ª República, o Estado Novo e o período democrático encetado com a Revolução de 1974. O livro termina com dois nomes jesuítas que estão separados por cerca de cinco séculos: Inácio, o fundador, e Francisco, o atual Papa. Ambos surgem em tempos controversos e de mudança. Tanto no século XVI como no século XXI a Igreja de Roma necessita(va) de se (re)pensar. Em perspectiva, creio que os desafios enfrentados por Francisco sejam agora maiores e mais diversificados. A sua ação tem mostrado preocupações que vão além das questões dogmáticas. Tem mostrado empenhamento em desenvolver o diálogo inter-religioso e alertar os governantes para as consequências nocivas e negligentes das políticas que lançaram a Humanidade na pobreza e nas guerras. Mas, só o futuro mostrará os efeitos da sua atuação e só depois do seu magistério arriscaremos fazer mais considerações. Pois, a História é passado e não futuro.